
A representação do feminino nos jornalísticos da Rede Minas a partir do Dia Internacional da Mulher de 2018¹

Gustavo Teixeira², Caroline Marino³ e Iluska Coutinho⁴
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher e o cumprimento ou não dos princípios do jornalismo público a partir de dois programas jornalísticos da Rede Minas, o Minas em Rede e o Jornal Minas. Além disso buscaremos trabalhar os conceitos de dramaturgia do telejornalismo, telejornalismo de qualidade e telejornalismo local, que são importantes no entendimento do histórico da construção dos programas jornalísticos em televisão. A escolha dos conteúdos analisados se deu a partir do dia internacional da mulher, oito de março, e por isso foram investigadas matérias que tinham relação direta com a mulher. A metodologia utilizada foi a Análise da Materialidade Audiovisual, proposta por Iluska Coutinho, e que tem como objetivo a realização de uma investigação mais fiel ao conteúdo audiovisual, observando a sua complexidade e as várias formas de linguagem presentes em suas narrativas.

Palavras-chave: Pluralismo; Diversidade; Materialidade Audiovisual; Rede Minas; Dia Internacional da Mulher.

Introdução

A televisão possui uma relação muito próxima com o brasileiro, principalmente devido à presença da imagem em movimento, que revolucionou os meios de comunicação de massa, já que a única experiência até então era com o cinema. No entanto a TV foi além, já que conseguiu implementar uma grade de programação, o que possibilitava a reprodução de conteúdos de diversos formatos e temáticas.

Outra potencialidade da televisão é a experiência do ao vivo, que pela primeira vez permitiu que fosse possível não apenas ouvir, como também ver acontecimentos ou eventos midiáticos em todo o mundo sem a necessidade da presença. Com isso, a TV acabou por se destacando como um meio de comunicação complexo e que tem possui uma realidade própria.

Portanto buscaremos abordar a questão da representação da mulher e o cumprimento ou não dos preceitos de telejornalismo público, que possui no Manual de

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Aluno de Mestrado do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, integrante do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br

³Aluna do segundo ano do Mestrado em Comunicação, no PPGCOM da UFJF; membro do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: carolinemarinop5@gmail.com

⁴Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, orientadora do trabalho. E-mail: iluskac@globo.com (Orientadora do trabalho)

Jornalismo da EBC (2013) seus objetivos e regras, a partir da cobertura de dois programas jornalísticos da Rede Minas, o Jornal Minas e o Minas em Rede, sob o enfoque do Dia Internacional da Mulher, que foi comemorado no dia 8 de março de 2018.

Nesse sentido, utilizaremos conceitos que norteiam a pesquisa dos conteúdos audiovisuais de caráter público, bem como as mais variadas formas de estudar a televisão e sua complexidade, além do o conceito de dramaturgia do telejornalismo, que aproxima as narrativas jornalísticas de espaços de contação de histórias da vida real. Além disso, a intenção é perscrutar o caminho em que o regionalismo surge como uma potencialidade de aproximar o telespectador da narrativa e nesse sentido deveria cumprir um papel de criação de laços de identidade para com o público através do seu conteúdo.

A reflexão sobre a temática da representação feminina na mídia ganha relevância considerando-se o importante papel da mulher na sociedade, muitas das vezes estereotipado ou objetificado nos produtos da mídia brasileira, que muitas vezes assumem um caráter machista, arraigado em seus discursos, como na sociedade brasileira. Uma das referências recentes e emblemáticas desse tipo de cobertura é o caso do assassinato da vereadora Marielle Franco (RJ), parlamentar que recebeu uma das maiores votações no Rio Janeiro, sendo representante de classes menos favorecidas e marginalizadas da sociedade. Conhecida por militar em prol da igualdade de direitos, independente de raça, gênero ou classe social, após ser morta a parlamentar foi alvo de outras violências, com a circulação também na mídia de diferentes discursos que tentavam diminuir a importância de Marielle Franco para a sociedade, além de registrar-se a republicação de um grande número de boatos e notícias falsas que atacavam e culpabilizavam a ex-vereadora.

Como forma de necessário, e urgente contraponto à discursos dessa natureza disfarçados de “notícias”, o (tele)jornalismo de caráter público tem o papel de se caracterizar como uma narrativa diversa, livre de qualquer tipo de preconceito e estereótipo. Considerando a formulação prevista na constituição, a televisão e o telejornalismo públicos, tem ainda o dever de oferecer aos cidadãos uma narrativa que possa ser representativa para a população brasileira de uma maneira geral, principalmente para os grupos que não são considerados hegemônicos em termos de representação midiática, como as mulheres. Muito embora representem maioria

numérica⁵ no total da população brasileira, as mulheres são consideradas minoria. Uma vez que a noção contemporânea de minoria, de acordo com Sodré (2005), se refere àqueles que tiveram ou têm sido privados de uma maior participação na esfera pública e de ter possibilidade de voz ativa nas instâncias decisórias do Poder. Sendo assim, minorias seriam os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, etc.

A importância e relevância da televisão na atualidade

A televisão é um meio de comunicação de massa que demanda uma grande complexidade, principalmente por suas potencialidades audiovisuais e por ser um local em que a tecnologia tem espaço. Desde sua criação diversos teóricos buscam entender essa mídia, principalmente devido ao seu alcance e pela cultura brasileira que está centrada na oralidade. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2014, 97,1 % dos 67 milhões de domicílios no Brasil possuem ao menos uma televisão.

No Brasil estamos terminando um processo intenso iniciado no Governo Lula de digitalização das TVs em todo o país, com o fim do sinal analógico e a incorporação do sinal digital. Com isso, muda-se mais uma vez o modo de estudar a televisão, já que podemos falar de menos ruídos na imagem, melhora no som, maior resolução e interatividade, que permitem potencialmente um verdadeiro diálogo entre telespectador e emissora.

Além disso, os efeitos da Internet e da convergência midiática são cada vez mais visíveis, principalmente a partir da interação entre telespectador e emissora por meio de redes sociais, memes, quebra da lógica da grade de programação e até mesmo produção de conteúdos televisivos de forma exclusiva para o público na Internet. Ou seja, transforma-se e/ou multiplicam-se as telas, incorporam-se cada vez mais recursos tecnológicos, e com isso também se modificam os modos de ver, e entender a televisão.

Dominique Wolton (1996), em livro intitulado “Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão”, discute a questão da televisão e sua inegável importância na sociedade, bem como a sua utilização para diversos mecanismos de poder e sua relevância na criação de laços sociais. Sua grande importância porém poderia ser um obstáculo para sua análise, mais científica.

⁵ De acordo com o censo do IBGE, em 2010, o percentual de mulheres era 51%, enquanto o de homens era de 49% do total da população brasileira.

As primeiras são as causas "objetivas" ligadas à própria natureza da televisão, objeto complexo, inapreensível e cuja banalidade é enganadora. Ela faz parte daquelas realidades em que o desejo de não saber é praticamente proporcional à importância cotidiana de que ela se reveste. As segundas, mais "subjetivas", têm a ver com o modo como, desde a década de 1950, a maior parte dos agentes envolvidos — políticos, profissionais, intelectuais — falaram sobre a televisão. (WOLTON, 1996, p. 43)

Wolton (1996) destaca ainda que a televisão é uma mídia difícil de ser estudada e analisada, principalmente devido ao envolvimento quase intrínseco do cidadão com esse meio de comunicação que torna mais árdua a tarefa de se distanciar da TV para conseguir estudá-la sem que algumas concepções já estabelecidas sobre essa mídia tenham influência. O autor destaca ainda que a televisão possui tanta influência na sociedade que até mesmo outros meios de comunicação como jornal e rádio passam a repercutir assuntos da TV.

A partir das várias especificidades da televisão e do seu largo alcance nos lares do público brasileiro, surgem os mais variados modos de se estudar a TV. Dada sua relevância social, o meio de comunicação tem na imagem a sua principal forma de passar credibilidade ao público.

Iluska Coutinho (2012), em seu livro *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*, ao estudar o telejornalismo e propor uma compreensão da estrutura da notícia na TV, bem como entender as características das matérias nos telejornais, identificou que o segmento tem cada vez mais se apropriado das características da dramaturgia em suas narrativas.

A autora destaca ainda que a dramatização nas narrativas ficcionais acaba sendo um processo natural a partir da criação da história e da lógica de enredo e personagem principal.

Nas obras de teledramaturgia, seria possível identificar essa preparação nas telenovelas, quando o telespectador “sabe” de elementos que os personagens desconhecem. Por meio de uma espécie de visibilidade mágica permitida, o autor geraria uma situação de “cumplicidade” com o público. (COUTINHO, 2012, p. 108)

Entretanto, segundo Coutinho, essa apropriação também vem sendo produzida pelos telejornais, no que ela chama de *Dramaturgia do Telejornalismo*, na medida em que eles passam a narrar o mundo e seus acontecimentos por meio da fórmula de contar histórias. Nesse aspecto há a utilização dos personagens, que além de dar voz e representação a certo assunto, entram na narrativa a fim de criar uma maior identificação com o público. “As ações, os personagens e ainda a oferta de uma

mensagem moral são também componentes essenciais de uma narrativa dramática, o que nos possibilitaria considerar a organização das notícias em TV como dramaturgia do telejornalismo” (Coutinho, 2012, p. 199).

Se o jornalismo é a arte de contar histórias reais, na televisão essa tarefa seria cumprida com “louvor”, de forma a também mostrar o que aconteceu. Além disso, o jornalismo de televisão se distanciaria das regras jornalísticas previstas em outros mídia, como a abertura da matérias, videoteipe editado no caso do telejornal, pelo que é mais importante, pelo lead. (COUTINHO, 2012, p. 10).

Iluska Coutinho defende que a potencialidade da televisão de trabalhar texto, imagem, som e edição de material, juntamente com estratégias de espetacularização e até mesmo com o uso de elementos emocionais tem sido cada vez mais incorporadas pelo telejornal, que passa a criar verdadeiras histórias reais, com o objetivo de aproximar o conteúdo dos telespectadores. Com isso, os personagens tornam-se parte da narrativa, como forma de representação real da história criada.

Assim, o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma “imitação da ação” ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama. O sentido de “imitação” tal como proposto pelo filósofo abrange o de representação, no caso, de um conflito que se desenvolveria, sempre com a busca de sua resolução, através das ações dos personagens da história, da narrativa (COUTINHO, 2012, p. 198 e 199)

A dramaturgia do telejornalismo se apresenta como alternativa para a organização textual do audiovisual, jornalístico, já que cada vez mais os telejornais parecem buscar o caminho das histórias com início, meio e fim, sempre com uma lição de moral ao fim, o que acaba aproximando o conteúdo das telenovelas. Talita Arrebola e Florentina Souza (2016) ressaltam que a utilização de diversos recursos televisivos contribuem para a criação dessas narrativas.

A utilização dos recursos audiovisuais de sobre som ou abre áudio e vinhetas podem ser considerados como a representação, ou imitação, do canto como elemento integrante da receita dramática. Desta maneira, a televisão constrói uma realidade, de códigos sociais, culturais, psicológicos em forma de espetáculo. Os telejornais reúnem um conjunto de fatos construídos com a coleta de imagens, redação de texto. (ARREBOLA; SOUZA, 2016, p. 5)

Segundo Iluska Coutinho (2012) o jornalismo cada vez mais tem se aproximado e se apropriado dessas narrativas dramatizadas e que têm na contação dessas histórias reais a sua principal forma de se fazer jornalismo.

E é nesse sentido que retomamos o objetivo desse artigo, que é o de investigar como as mulheres tem sido representadas, sob olhar do telejornalismo público em uma

emissora de caráter regional, já que as emissoras públicas devem cumprir algumas promessas de jornalismo cidadão, dentre elas a representação de grupos que normalmente não tem voz na mídia hegemônica.

José Tarcísio Silva Oliveira Filho (2016), em sua dissertação de mestrado, “Qualidade no telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas”, propôs alguns parâmetros que norteariam a análise da qualidade na TV, com um enfoque na busca por qualidade no jornalismo das emissoras públicas, mas que servem para a televisão de um modo geral. Dentre eles, destacam-se o pluralismo de vozes, a contextualização das matérias e a isenção ou negativa do jornalismo chapa branca.

A partir do Manual de Jornalismo da EBC e dos princípios editoriais do grupo Globo, Silva Oliveira Filho (2016) propõe alguns eixos de análise que tem como objetivo identificarem se um conteúdo é ou não de qualidade. São eles: “Pluralidade; Imparcialidade; Discernimento; Regionalismo; Educação; Debate Público; Inclusão; Inovação; Ética” (SILVA OLIVEIRA FILHO, 2016, p. 113). Fonte de reflexões e de pesquisas realizadas no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (CNPq-UFJF) o Manual de Jornalismo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), publicado em 2013 estabelece os seguintes princípios norteadores do jornalismo público no Brasil: Pluralidade; Diversidade; Promoção de Cidadania e Regionalismo.

Princípios: Fomento à construção da cidadania, ao aperfeiçoamento da democracia e à participação da sociedade; Garantia da expressão da diversidade social, cultural, regional e étnica e da pluralidade de ideias e de percepções da realidade e dos fatos que são objeto de cobertura do jornalismo da EBC; Subordinação aos interesses da sociedade, explicitados por instrumentos formais inseridos na constituição da empresa, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira; Observância de preceitos éticos no exercício do jornalismo; Autonomia para definir a produção, programação e veiculação de seus conteúdos. (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p. 23)

Nessa perspectiva, no âmbito de emissoras públicas, como a Rede Minas, objeto de nossa análise, o telejornalismo deveria trabalhar em prol da busca pela igualdade e cidadania de forma a contemplar as expectativas de transformação social e de participação destes grupos marginalizados. Entretanto, a ausência de igualdade entre os gêneros presente na sociedade, acaba se refletindo também no fazer jornalístico. Em pesquisa recente, Temer e Santos (2016) destacam um processo de feminização nas redações jornalísticas. “No Brasil, a pesquisa sobre o perfil dos jornalistas brasileiros em 2013 apontou que as mulheres constituem 63,7% do mercado de trabalho, e que 59% dos jornalistas são jovens (até 30 anos) (TEMER e SANTOS, 2016, p. 5).

Mas, apesar disto, onde estão representadas as mulheres enquanto fontes? Ainda que as redações estejam passando por este processo de feminização, no que diz respeito aos produtos finais do jornalismo – as matérias – parece que ainda há muito no que se avançar. A falta de falas femininas é prejudicial para a democracia. Guimarães (2013) afirma que para o exercício pleno do jornalismo numa sociedade democrática, é preciso prezar pela pluralidade de vozes nos espaços midiáticos, uma vez que “quantas mais vozes plurais tenham a possibilidade de ecoar nos diversos meios de comunicação, mais a democracia irá democratizar-te” (GUIMARÃES, 2013, p. 261-262).

Levando em consideração tais questões, este artigo busca analisar a representação feminina na narrativa da realidade em telejornais públicos de Minas Gerais, na data em que se comemora o dia internacional da mulher. Lançando um olhar atento, sobretudo, ao jornalismo regional e de caráter público, que deveria ser livre de qualquer tipo de preconceito e estereótipo e criar uma narrativa que possa ser representativa para tanto para a população brasileira de uma maneira geral, mas acima de tudo, para os grupos minoritários em termos de direito à voz, como é o caso das mulheres.

Telejornalismo local e os compromissos do telejornalismo público

Ainda pouco trabalhado teoricamente nos estudos de comunicação televisiva, o regionalismo é um conceito importante para entendermos de que forma o cidadão busca a todo momento se identificar e se sentir representado nos telejornais, seja por meio da participação direta, como por exemplo aparição no telejornal, ou indireta, como envio de materiais, e ainda um terceiro modo por se sentir parte da narrativa audiovisual, se identificando com o conteúdo apresentado e com as situações trabalhadas ao longo das edições.

Iluska Coutinho e Simone Martins (2008) afirmam que o que é produzido em âmbito local cria laços sociais entre a comunidade e quem faz os telejornais, e por isso, o cidadão acaba criando esse sentimento de pertencimento e de identificação. “Na medida em que os telespectadores se identifiquem com as notícias produzidas e veiculadas, ou seja, que se vejam inseridos no contexto da sociedade construída na narrativa apresentada nos telejornais.” (COUTINHO; MARTINS, 2008, p. 2 e 3)

Autora de trabalho referência sobre a temática, Cicília Peruzzo destaca a importância do telejornalismo local que, após a globalização, ganhou maior força, tanto

pela lógica mercadológica, que permite uma cobertura mais ampla a nível nacional, como também no aspecto da proximidade. “O meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc.” (PERUZZO, 2005, p.78)

Em sua dissertação de mestrado Rossanna Enninger (2015) defende que o telejornal local atua como um tradutor de realidades, já que ele tem com uma de suas principais funções trazer a realidade de âmbito macro para o âmbito micro, mas fazendo com que as pessoas consigam se identificar com as temáticas trabalhadas.

A produção regional é uma maneira de traduzir o mundo para a população ao seu alcance. Por essa razão, se torna necessário que as emissoras conheçam o seu público e o lugar onde estão inseridas, que reelaborem elementos de sua cultura e fortaleçam laços, de modo que as pessoas se identifiquem e se vejam representadas na mídia. (ENNINGER, 2015, p.37)

Já Carolina Fernandes (2010), trabalha com o paradoxo nacional versus local para expor a importância do telejornalismo local ou regional na TV brasileira, ainda que com a crescente globalização da notícia, principalmente com o avanço dos meios eletrônicos e da Internet, que transforma o modo de se produzir notícias.

No universo televisivo, é possível observar a necessidade de estabelecer uma identidade com o público. E a regionalização é um caminho para isso, uma vez que mesmo tendo notícia em nível global, as pessoas necessitam de informações que estão próximas da sua realidade, ou seja, elas precisam ter notícias sobre o que está acontecendo no ambiente em que vivem, no bairro em que moram. (FERNANDES, 2010, p.18)

Segundo Fernandes (2010), o telejornal regional ainda goza de extrema relevância por trazer aspectos do cotidiano das cidades e de retratar o que há de comum entre os moradores daquela região, o que acaba por gerar uma grande proximidade do telespectador para com o conteúdo apresentado.

E é justamente a partir do estudo dos materiais jornalísticos da Rede Minas no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (2017), bem como da investigação do local e regional no telejornalismo, que foram escolhidos como objetos para o estudo empírico aqui relatado edições do Jornal Minas e do Minas em Rede, telejornais produzidos e veiculados pela Rede Minas, mas que contam com propostas diferentes.

Principal telejornal da Rede Minas, o Jornal Minas conta com duas edições diárias, exibidas às 12h30 pela manhã e às 19h15 pela noite, com duração média de 30 minutos, e apresentação de Ruth Soares (1ª edição) e Lorena Amaral (2ª edição). O Jornal Minas se define como um:

Telejornal que leva aos mineiros notícias de Minas. Muito além das notícias do estado, o Jornal Minas busca informar o telespectador e o internauta com dicas de saúde, educação, cultura e esporte. O programa traz entrevistas ao vivo, opinião de especialistas e reportagens especiais. (SITE DO PROGRAMA JORNAL MINAS, 2018)

Já o Minas em Rede, vai ao ar de segunda à sexta-feira, às 7h45 da manhã, com duração média de 15 minutos, e é apresentado por Romina Farcae. Com pouco mais de ano de duração, já que estreou em março de 2017, o programa é estruturado a partir de entradas ao vivo de emissoras localizadas por todo o estado de Minas Gerais e de matérias produzidas por emissoras que colaboram com o programa, que se apresenta como participativo e aberto à novas parcerias. O Minas em Rede tem como principal diferencial a incorporação de materiais de várias regiões do estado e como principal objetivo promover a participação de emissoras de caráter público de todo estado de Minas Gerais.

Análise da Materialidade Audiovisual dos jornalísticos da Rede Minas

A metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual foi desenvolvida por Iluska Coutinho (2016), no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, para tentar ampliar a observação acerca dos produtos audiovisuais, principalmente tendo em vista a falta de uma metodologia do campo da comunicação que abarcasse tanto o som quanto a imagem, o texto e as variações de edição dos materiais audiovisuais.

Coutinho (2016) propõe que é necessário escolher o objeto de pesquisa, fazer um levantamento das demandas a serem analisadas, criar uma ficha de análise que contenha as perguntas que respondam ao problema de pesquisa e assim realizar a parte da análise propriamente dita, observando sempre a complexidade do material audiovisual. “Nessa perspectiva poderíamos considerar que o pesquisador comporta-se em certo sentido como um telespectador privilegiado, que desvela estratégias, modos de dizer e sentidos, explícitos ou silenciados, nas narrativas audiovisuais que analisa”. (COUTINHO, 2016, p. 9)

A autora defende ainda que deve-se observar a unidade dos cinco elementos audiovisuais “texto+som+imagem+tempo+edição” a fim de se ter uma investigação mais fiel ao seu objeto.

Para tanto, foram analisadas matérias no dia 8 de março de 2018 tanto do Jornal Minas quanto do Minas em Rede que remetessem diretamente às mulheres, a fim de investigar questões relativas ao cumprimento ou não do telejornalismo cidadão, além de

representação e representatividade, promessas tão caras ao telejornalismo público e que ganham uma relevância ainda maior por se tratar de uma data especial.

Os eixos analisados na análise que oferece suporte à esse artigo foram quais os conflitos estabelecidos na narrativa; quais fontes/personagens aparecem; dos personagens, quais deles tem ou não voz; se há ou não pluralidade de vozes e de expressões, que nos remete ao número de fontes representadas ou às posições no conflito narrado e à forma de inserção no tema trabalhado; se encontra-se ou não algum tipo de diversidade, seja de gênero, étnica, regional ou mesmo na proposta audiovisual; e se as mulheres são ou não representadas e possuem representatividade nas narrativas construídas pelos jornalísticos.

No Jornal Minas, principal telejornal da Rede Minas e que tem duração média de 30 minutos, foram identificadas três matérias que remetesse às mulheres, sendo essas três as únicas que foram postadas na página do programa no Youtube, totalizando 12 minutos e 33 segundos de conteúdo dedicado às mulheres no dia internacional da mulher.

As temáticas trabalhadas foram “mulheres negras e a desigualdade”⁶, “machismo no mercado de trabalho”⁷ e violência contra as mulheres”⁸. Entre as três matérias, duas trouxeram personagens com voz e opinião, com oportunidade de falarem com propriedade sobre o assunto, ainda que em uma delas a personagem principal não tenha sido identificada por motivos de segurança. Os personagens conseguem contar suas histórias e os conflitos narrativos ficam bem demarcados como posições das próprias fontes que são mulheres e falam com conhecimento sobre as temáticas trabalhadas.

Na matéria em que a temática abordada é a das mulheres negras e a desigualdade, o Jornal Minas opta pela utilização de fontes que possuem embasamento teórico e também prático a respeito do racismo presente na sociedade brasileira, e para isso entrevista fontes como uma doutoranda em comunicação, uma historiadora e uma vereadora, mulheres negras que precisaram conviver com o racismo em suas peles, e ainda assim conseguiram chegar a lugares de destaque na sociedade.

Outra questão investigada está no âmbito da pluralidade de vozes e de expressões, além da diversidade, algo que também encontra-se presente, em alguma medida, nas duas matérias analisadas, já que ambas conseguem trazer a questão da

⁶Matéria do Jornal Minas publicada em 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=784MV-QjQw4&t=1s>

⁷ Matéria do Jornal Minas publicada em 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=9OuOVgbq9rU&t=74s>

⁸ Matéria do Jornal Minas publicada em 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=T29Ydx6YU28&t=4s>

mulher de forma muito clara, e oferecem espaço para que as próprias mulheres consigam falar sobre seus contextos sócio culturais, rompendo assim com um cenário de silenciamento das vozes femininas. Além disso, observou-se um esforço em trabalhar a narrativa audiovisual de forma diferenciada e que essa fosse estruturada também de maneira representativa, para conseguir estimular também a promoção de cidadania, compromissos tão caros ao telejornalismo público.

Na matéria sobre violência contra as mulheres fica evidente o esforço do Jornal Minas em trabalhar uma narrativa que pudesse ser diferente tanto no modo de colocar as fontes na matéria, não apenas como vítimas, mas também como pessoas que desejam o fim da violência e que lutam por isso em suas rotinas. Além disso são utilizados diversos recursos gráficos que buscam representar de maneira diferenciada a violência contra as mulheres, conseguindo produzir um discurso efetivo e representativo, principalmente para as mulheres que já sofreram algum tipo de assédio ou violência em todos os âmbitos.

No entanto, a outra matéria ficou devendo em todos os pontos analisados, já que aborda o machismo no mercado de trabalho e apesar de mostrar muitos dados que comprovam que as mulheres realmente encontram mais dificuldades no mercado de trabalho, utiliza-se de uma jornalista desempregada que entra na narrativa apenas na condição de vítima, para personificar o problema. Há um apagamento da dimensão política mesmo do relato dessa fonte, que não é mostrada como alguém que se posiciona ativamente contra o machismo no mercado de trabalho. Consequentemente essa matéria não consegue sequer ser plural e diversa e com isso não gera nenhum tipo de representatividade em relação ao telespectador. A jornalista desempregada surge como um exemplo da realidade social do Brasil e também de Minas Gerais. O telespectador poderia potencialmente até se identificar e se sensibilizar ao vê-la em situação desfavorável, mas não compreender na narrativa a presença efetiva do machismo no mercado de trabalho, uma realidade no país e no Estado.

Já o telejornal Minas em Rede possui uma proposta diferenciada de participação de emissoras locais na produção de conteúdo para o programa, o que em tese abriria horizontes para novas narrativas. Haveria assim um espaço potencial para propostas que fossem mais representativas para a sociedade em âmbito regional. Na data de nosso recorte empírico foram identificadas dois conteúdos audiovisuais que remetiam ao dia

internacional da mulher em 2018⁹, além de uma fala da apresentadora Romina Farcae que dedica a receita do dia às mulheres, já no fim do programa.

O primeiro conteúdo é caracterizado como uma nota seca da apresentadora em uma comparação do salário entre mulheres e homens em alguns setores da sociedade e por isso não conta com nenhum tipo de recurso audiovisual, o que naturalmente dificulta a análise. Com isso, não consegue cumprir com nenhum dos requisitos analisados, nem pluralidade, nem diversidade e nem representatividade na matéria, já que o conteúdo apresentado é meramente estatístico.

Já a segunda matéria, tem um maior espaço no programa quanto a recursos e tempo, com duração de cerca de cinco minutos. Produzido pela TV Canindé, de Divinópolis, o material tem como conflito estabelecido na narrativa a questão da violência e do papel da mulher na sociedade. O gancho para a história é um livro produzido por estudantes do ensino público, e portanto as próprias autoras do livro se colocam como personagens ao falarem dos desafios de escrever o livro. As fontes também narram com suas vozes um panorama do que foi abordado a partir de suas visões de mundo, e relatam a partir de sua perspectiva como as coisas estão na atualidade no que refere-se ao lugar da mulher.

A narrativa consegue ser tanto plural, por dar voz e poder de fala de forma articulada às fontes, e também consegue ser diverso tanto na questão de gênero, ao conseguir trazer para o lado do feminino e de suas lutas e questionamentos, quanto étnico, ao valorizar a aluna negra que fez parte do livro e que pôde compartilhar um sofrimento ainda maior por conta da cor da pele, como também da proposta audiovisual, que é construída totalmente a partir das autoras do livro, inclusive com recursos audiovisuais que acrescentam na matéria e a tornam mais representativa do ponto de vista da identificação com o público. Além disso, o aspecto regional é reforçado nos dados apresentados na matéria, e observa-se a preocupação da narrativa em dimensionar os dados para a população mineira, criando um laço de proximidade para com o telespectador.

Uma última questão que se apresenta é em relação a representação do feminino e a representatividade ou não da matéria para com o público. Observou-se que em ambos os pontos a narrativa consegue cumprir o seu papel, principalmente por criar um

⁹Minas em Rede publicado no dia 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=twzSvsBTyqI&t=574s>

conteúdo que seja mais próximo de um público local, o que valoriza o regionalismo, que é uma das promessas do telejornalismo público na emissora Rede Minas.

Ainda na questão da representatividade, a matéria consegue ser representativa por tratar de uma temática que busca dar espaço para uma minoria, ou seja, para uma parcela da sociedade que normalmente é silenciada pela mídia hegemônica. O fato de ter sido produzida por uma emissora regional, que não é cabeça de rede, também ganha relevância por possibilitar um outro olhar mais próximo do espectador na narrativa audiovisual, nessa matéria em específico colocando em destaque a presença da mulher na mídia.

No entanto, logo após a matéria, a apresentadora Romina Farcae, ao trazer a receita culinária do dia, se dirige diretamente ao público feminino, o que acaba por reforçar um discurso de que o lugar da mulher seria na cozinha. O texto em estúdio assim acaba contribuindo para reforçar um estereótipo, algo que deveria ser desconstruído em narrativas de caráter público. Porque não apresentar a receita como sugestão de homenagem, tendo como público alvo os telespectadores-homens, que poderiam também dedicar-se ao ato de cozinhar?

Considerações Finais

Levando-se em conta os conceitos de dramaturgia do telejornalismo, telejornalismo público e telejornalismo local, podemos dizer que em geral os conteúdos apresentados pelos programas de cunho jornalístico da Rede Minas, Jornal Minas e Minas em Rede tem conseguido em alguma medida apresentarem uma produção diferenciada em relação ao que é comumente produzido pela mídia hegemônica. Tal cumprimento está evidenciado tanto na escolha das pautas, que buscam tratar de temáticas em que normalmente são silenciadas pela mídia, como na escolha das fontes e de seu tratamento pela editoria dos programas, já que as fontes, e conseqüentemente, personagens das narrativas audiovisuais, conseguem não apenas ter voz, como também tem a oportunidade de exporem seus pontos de vista e articular suas ideias.

Entretanto, seria importante defender que a utilização de mulheres e outros grupos minoritários como fontes, participantes com direito à voz nas narrativas do telejornais sejam uma constante, e não apenas em datas especiais, ou para tratar de assuntos específicos, como o dia internacional da mulher. Outra constatação é a de que é possível observar também uma preocupação na escolha das matérias, que vão além do

óbvio ao se falar do dia internacional da mulher, já que ao abordarem temáticas como violência contra mulher, mercado de trabalho para as mulheres, mulheres negras e a desigualdade social que elas sofrem, os programas trazem também assuntos que são de fato relevantes. E ao não estereotipar e colocar rótulos, essa representação se torna representativa para o público feminino que de fato convive com a desigualdade em vários setores da sociedade.

Outra categoria analisada foi a diversidade, tão importante para uma fiel representação da população brasileira e de suas muitas possibilidades como nação. Em geral os programas também conseguiram trabalhar tanto questões relacionadas ao gênero, principalmente no entorno do dia da mulher, mas foram além, abordando também questões étnicas e raciais, como na matéria sobre as mulheres negras e a dificuldade em que elas encontram de ocupar cargos mais elevados na sociedade, além de questões regionais, tão importantes para o telejornalismo local, e que é uma das maneiras de gerar uma maior identidade e representação para com o público. Outra forma de diversidade presente nos conteúdos do Jornal Minas e Minas em Rede consiste na diversificação da proposta audiovisual, já que os programas conseguem trabalhar as temáticas de uma maneira que foge daquilo que é comumente apresentado no telejornalismo convencional, contextualizando informações, trazendo fontes com um maior espaço de fala e buscando trabalhar recursos audiovisuais.

Um último eixo de análise gira em torno da questão de representação e representatividade. Constatou-se que os programas conseguem na maior parte de suas matérias cumprir com a promessa do telejornalismo público de oferecer um conteúdo que seja de interesse público e que consiga de fato promover a cidadania, observando as diferenças culturais e sociais presentes na sociedade, e com isso também privilegiando as minorias, que normalmente são silenciadas pela mídia hegemônica.

Em contrapartida podemos colocar que nos dois programas há ao menos uma matéria que não consegue cumprir os compromissos do telejornalismo público, e consequentemente não conseguem ser plurais, diversas e representativas para o público feminino. Outra contraposição se dá na receita da broinha do programa Minas em Rede, em que a apresentadora Romina Farcae se dirige exclusivamente às mulheres dedicando a receita a elas, no entanto isso acaba por reforçar um estereótipo de que a cozinha (ou o ato de cozinhar) seja algo exclusivo para mulheres.

Referências

- ARREBOLA, Talita Lima Chechin Camacho; SOUZA, Florentina das Neves. A dramaturgia no Jornal Nacional: Um estudo dos elementos dramáticos na reportagem. Intercom Sudeste, Curitiba. Anais eletrônicos 2016... Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1195-1.pdf>> Acesso em: 20 de março de 2018.
- COUTINHO, Iluska (organização). A informação na TV pública. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2013.
- COUTINHO, Iluska e MARTINS, Simone. Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público, 2008
- COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: INTERCOM, 2016, São Paulo, USP, 2016.
- ENNINGER, Rossana Zott. Análise cultural do telejornalismo local: representação e identidade na RBS TV Santa Rosa. 2015. Dissertação (Mestrado acadêmico) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Universidade Federal de Santa Maria, 2015. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/estudosculturais/arquivos/dissertacoes>. Acesso em: 20 de março de 2018.
- FERNANDES, Carolina. Telejornalismo regional: uma análise dos critérios de noticiabilidade utilizados no Jornal 53 diante da contribuição organizacional e social. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fernandes-carolina-telejornalismo-regional.pdf>>. Acesso em 21 de março de 2018.
- GUIMARÃES, Lara Linhalis. UMA INVENÇÃO DE JORNALISMO: ninjas, xamãs e outras perspectivas. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.
- MANUAL DE JORNALISMO DA EBC. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf> Acesso em: 20 de abril de 2018.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.
- SILVA OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Qualidade no Telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas e comerciais. 2016 Dissertação (Mestrado acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2230>> Acesso em: 18 de março de 2018.
- SODRÉ, M. 2005. Por um conceito de minoria. In: R. PAIVA; A. BARBALHO (Orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo, Paulus, p. 11-14.
- Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo, (p. 107-132). Coleção Jornalismo Audiovisual. V.4. Florianópolis, Insular, 2015.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. SANTOS, Marli dos. Subjetividades Femininas Na Cobertura Jornalística. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- WOLTON, Dominique. Elogio do Grande Público: uma teoria crítica da televisão. Tradução de José Rubens Siqueira, Série Temas, vol. 52, São Paulo, Editora Ática, 1996.